

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CARÁTER INTROSPECTIVO DO CONTO O PRIMEIRO BEIJO, DE CLARICE LISPECTOR

Orlivalda de Souza Reis (UNEB-PPGEL)¹

Resumo: *O texto literário se singulariza diante dos demais tipos de discursos, porque faculta ao leitor, em momentos distintos, lançar novos olhares. Em **O primeiro beijo** Clarice Lispector aborda, entre outras temáticas, a passagem da infância para a adolescência marcada pelo advento do desejo. Com protagonista masculino, o conto traz uma dimensão filosófica e existencialista explícita na relação linguagem e condição humana. No presente artigo, pretende-se apenas apresentar algumas considerações sobre o caráter introspectivo do conto.*

Palavras-chave: Introspecção; Clarice Lispector; Literatura brasileira.

1. INTRODUÇÃO

O conto **O primeiro beijo** de Clarice Lispector, faz parte do livro Felicidade Clandestina escrito em 1967, quando a autora foi convidada a escrever semanalmente para o Jornal do Brasil. Embora não estivesse interessada em classificar estes textos em algum tipo de gênero literário, o conjunto desta obra é considerado como livro de contos.

Nossa pretensão aqui não é fazer uma análise exaustiva do conto **O primeiro beijo**, mas apresentar uma possibilidade de leitura dentre as possíveis, mesmo porque, comentar qualquer obra de Clarice não é tarefa simples. Assim, nas linhas que se seguem não será apresentada uma resposta conclusiva nem profunda, ao contrário, apresentaremos tão somente uma proposta de leitura do conto como sendo uma representação literária com caráter intimista.

No entanto, antes de penetrar nos meandros do conto em questão, faz-se necessário traçar algumas considerações acerca do jeito peculiar com que a autora escreve. Acredita-se ser pertinente, também, salientar algumas características da literatura intimista.

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Clarice é considerada pela crítica literária a interprete mais sofisticada da ficção intimista. Ela coloca tanto de maneira metafórica quanto realista as ondulações psicológicas e os estados interiores dos personagens. Isto ocorre pelo caráter introspectivo de seu texto, no qual o uso intensivo do discurso indireto livre, para captar o pensamento das personagens, faz quase desaparecer a história propriamente dita. Esse modo de narrar busca uma espécie de relação psíquica das personagens.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Educação e Filosofia. Professora de filosofia da SEC-BA. Email orlivaldareis@ig.com.br

No entanto, quando Lispector estreou na literatura brasileira já havia a presença de uma narrativa intimista e psicológica representada por outros autores como Cornélio Penna, Cyro dos Anjos e Lucio Cardoso. Entretanto, distingue-se dos demais autores intimistas devido a sua capacidade de intensificar a sondagem interior e psicológica de suas personagens. Tal intensificação deve-se a construção formal e ao estilo narrativo considerados singulares e idiossincráticos, e que conferia a sua obra uma dimensão filosófica e existencial.

Clarice Lispector introduziu na literatura brasileira novas técnicas de expressão, pelas quais subverte com frequência a estrutura dos tradicionais gêneros narrativos, quebra a sequência começo, meio e fim, assim como a ordem cronológica, e funde a prosa à poesia ao fazer uso constante de imagens, metáforas, antíteses, paradoxos, símbolos, etc.

A escolha formal de um gênero literário está além da necessidade vital e misteriosa do ato de escrever. Na mesma medida em que a palavra escrita reduz a experiência literária, é sua possibilidade de expressão. Além disso, “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida”. (DELEUZE, 1997, p.11)

Alfredo Bosi (1988), ao tratar do significado da obra clariceana, diz que na gênese dos contos e dos romances de Clarice há uma exacerbação do movimento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e de auto-análise, reclama um novo equilíbrio que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irreduzível realidade. O sujeito só se salva aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora.

Nos contos e romances de Clarice, de modo geral, acentua-se um horizonte reflexivo e até especulativo de sondagem existencial. Toda uma temática de existência projeta-se através das situações das personagens. Mas de romance para romance, de conto para conto registram-se variações do ponto de vista do sujeito narrador e do próprio discurso narrativo.

Segundo Olga de Sá (1993), *ser/linguagem, existir/escrever, sentir/pensar* são indagações fundamentais que percorrem a obra de Clarice, as quais apresentam dois focos imantados que polarizam metáforas, imagens, recursos sintáticos, sinestésias, paranomásias, oxímoros, repetições. De um lado estaria o pólo epifânico, constituído pelos procedimentos das epifanias da beleza, que revela o ser num dado momento excepcional e convidam a personagem a revirar a própria existência. E do outro o paródico, constituído pela paródia seria, que denuncia o ser pelo desgaste do signo, descrevendo o que foi escrito, num perpétuo diálogo com seus próprios textos e com outros do universo literário. Deste modo, teríamos em Clarice Lispector uma intertextualidade e uma intratextualidade como procedimentos paródicos.

Tais ponderações estão diretamente relacionadas a questão da linguagem, uma vez que a palavra é ao mesmo tempo objeto e instrumento na tentativa de exprimir a busca existencial. Em outras palavras, a linguagem está associada a dimensão filosófico-existencialista, especialmente no que diz respeito a relação entre a linguagem e a condição humana.

3. ALGUNS ASPECTOS INTROSPECTIVOS EM O PRIMEIRO BEIJO

Seus contos tematizam o social, o existencial, o lingüístico, o feminino, a família, a adolescência, a infância entre outros temas. **O primeiro beijo** apresenta alguns desses temas quase que entrelaçados. É um dos poucos textos de Lispector com protagonista masculino.

Narrado em terceira pessoa, o conto em questão começa sob a estrutura de diálogo entre o jovem personagem e sua primeira namorada que, numa demonstração de ciúme, o indaga se ele nunca havia beijado outra mulher antes de beijá-la. A partir de então passa a ser narrada a história do primeiro beijo.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar? Ele foi simples:
 - Sim, já beijei antes uma mulher.
 - Quem era ela? perguntou com dor.
- (LISPECTOR, 1998, p. 157)

O ambiente da narrativa parece ser o trajeto de uma excursão escolar pelo que se deduz do trecho “O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe.” (LISPECTOR, 1998, p. 157)

Há diferentes formas de o narrador inserir os pensamentos das personagens na narrativa. Ele pode fazê-lo, por exemplo, de modo linear, delimitando nitidamente a voz do narrador e o pensamento dos personagens; pode também empregar o discurso livre, misturando a fala do narrador com a fala das personagens; pode, ainda, inserir pensamentos das personagens simultaneamente ao acontecimento dos fatos. No presente conto a autora não se introduz na história, narra-a analisando todos os acontecimentos como se estivesse ao lado do protagonista. Ela apenas narra uma situação da qual não fez parte diretamente.

Simple fatos cotidianos como sentir sede provocam, no estilo clariciano, uma longa viagem abstrata das idéias, quase transcendental

- E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.
 - E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente engolia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.
- (LISPECTOR, 1998, p. 157-158)

O autoconhecimento e a expressão, a existência e a liberdade, o eu e o mundo, o conhecimento das coisas e as relações intersubjetivas, a humanidade e a animalidade são os pontos de referência do pensamento de Clarice Lispector, cuja continuidade temática é possível de ser percebida a partir dos seguintes trechos:

Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada. O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

(LISPECTOR, 1998, p. 158)

Assim, numa exacerbação do momento interior do personagem, mistura a sede física de água com a sede de libido e com a necessidade de relacionamento do jovem protagonista

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

(LISPECTOR, 1998, p. 158)

O encontro dos lábios do menino com os lábios da estátua da mulher nua despertou sensações que até então não havia conhecido o fazendo vivenciar experiências marcantes para sua vida. De modo geral, esses momentos, na linguagem densa de Clarice, são dilacerantes e dá origem a ruptura de valores, a questionamentos filosóficos e existenciais, permitindo a aproximação de realidades opostas, tais como nascimento e morte, amor e ódio, inocência e sedução.

O personagem, mergulhado num fluxo de consciência, passa a ver o mundo e a si mesmo de outro modo. É como se tivesse tido uma revelação e, a partir dela, passasse a ter uma visão mais aprofundada da vida, das pessoas e das relações humanas. Tais idéias se depreendem da passagem que diz “*A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto*”. (LISPECTOR, 1998, P. 159)

A observação acima é bastante comum nos contos de Clarice Lispector, nos quais um fato banal do cotidiano pode desencadear um processo de epifania, isto é, um processo de revelação, de tomada de consciência da personagem.

É bom observar que as paradas e as hesitações tão presentes em outros contos e romances de Clarice também reaparecem em **O primeiro beijo**, nas quais o narrador questiona os rumos da história que ameaça permanentemente não se completar. E aqui tampouco a metalinguagem se isola do contexto, do espaço e do movimento histórico em que se processam a narração e o narrado.

Hesitação e dúvida transbordam das angustias da alma do personagem e que, de alguma forma, se misturam às do leitor, afinal é a imaginação do leitor que faz com que a obra tome vida. Será que de fato o tal beijo aconteceu ou foi um sonho provocado pela necessidade extrema de beber água? Beijar uma estátua de mulher pode significar beijar uma mulher real?

Do que não se tem dúvida é que aquele momento, real ou fantasioso, representou uma passagem da infância para a adolescência marcada pelo advento do desejo. Saciar a sede em um chafariz ganha, praticamente, a descrição das sensações que precedem uma relação sexual

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva. Deu um passo para trás ou para frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido. (LISPECTOR, 1998, p. 159)

É a partir deste momento que acreditamos ter ocorrido a grande revelação, a epifania, pois em consequência da reflexão acerca destas sensações o personagem percebe que se tornara homem. É uma súbita revelação de sua natureza interior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enfatizamos no início desta proposta de leitura do texto **O primeiro beijo**, não temos pretensão de ser exaustivos e nem tão pouco apresentar pontos de vistas categóricos. As palavras que seguem são as últimas de um momento que deveria ser o começo.

Como dissemos anteriormente, a abordagem que Clarice faz da consciência de suas personagens faz com que o leitor adentre suas mentes, conhecendo a fundo suas dúvidas, limitações, alegrias, anseios, valores, etc.

Mesmo trabalhando com o universo da consciência individual de personagens, a literatura de Clarice Lispector consegue ser também social, ou seja, ela trabalha a introspecção, o fluxo da consciência sem se afastar do real.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **A história da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 1993.